

Não sei se será o elemento narrativo o que me atrai tanto na fotografia de Cristina Camara. Sua imaginação estranha, está claro, certamente é capaz de parar o olhar de qualquer um – mas suas atrações mais difíceis, mais internas, mais “dramáticas” (como narrações imagéticas), são capazes de me deixar horas diante de fotos trabalhadas como os melhores escritores usam a escrita... Embora – ninguém se engane – aqui está, também, uma fotógrafa “livre” da fotografia (uma das mais livres) e uma artista pronta, eu diria, para penetrar no “vazio” que, para a maioria, significa o intervalo entre as árvores ou o fragmento de parede que sobe acima das cômodas ou desce para se desdobrar, além das camas, num espelho capaz de surpreender a fuga secreta do corpo.

Cristina é a artista brasileira para mim mais próxima de, um dia, captar o exato momento disso, ou aquele em que a realidade (?) se “reacomoda” para de novo nos oferecer a nossa sombra sobre o mármore polido do engano – de modo a que tudo volte ao normal quando acordamos das noites venezianas do sol comido pela mulher de pernas longas e beleza “estóica”. (Fiquei maravilhado com uma beleza assim, buscada por Cristina no fundo de algum baú cigano de palavras mortas e gigantes vivas, saídas de malas de viagem ainda mais gigantes. E fiquei maravilhado também com as imagens jacentes, como se a mulher tão alta fosse uma ciclope fêmea de Henry Moore, apoiada nos joelhos para rever uma nova Liliput...)

Mas isso é literatura, palavras e apenas palavras recuadas do poder da imagem que avança de onde a escrita segue (e abandona) o método bartheano, no limite do olhar para as coisas até que elas se anulem (o segredo da fotografia?). Um desnudar, um desvelar, um corte mais fundo, qualquer coisa se esconde nessas imagens narrativas que remetem para antes – e para depois – de si mesmas, no olhar atraído para um “real” que Cristina sempre muda em ficção (porque ela fotografa o que vê e nunca trai nada do que fixa, sem jamais “inventar” com os extra-recursos da objetiva – que deveria ser sempre isso: objetiva). Os resultados de um tal “método” são, sempre, o estranhamento ou o desdobramento do real (?) convertido nessa *fantasmagoria natural* que torna reconhecíveis, entre mil, as fotografias de Câmara. Anterior – e posterior – ao cerne das imagens, há aqui aquele *cinema* que o sol projeta na palma, a coluna de pó iluminada descendo do teto dos salões, das igrejas e dos navios abandonados

*sobre o ombro nu da bela turista
que treme ao penetrar na sombra
de algum segredo difícil
(como no verso de Quasimodo)*

A primeira vez que vi uma imagem de Cristina (foi em João Pessoa, não foi em Istambul) compreendi, de imediato, que o seu processo não era o mais comum da confiança – na máquina, nas lentes –, quando ela parte para fotografar imagens-

narrativas circunvizinhas do filme visto invertidamente, atrás da tela, o esquerdo sendo o direito (e vice-versa) de quem penetra para dentro de onde as fotos se “contam” histórias tatuadas sobre o corpo – em fuga – da mulher que abre a boca para iluminar toda uma cidade afogada. Há aqui um enigma, e ele é extremamente moderno, feito do fragmento de alguma beleza que ainda não nasceu, ainda não pôde ser inteiramente vista entre a madrugada e a manhã que não acalma as águas assanhadas pelos *vaporetti* transitando sobre a laguna.

FERNANDO MONTEIRO